Gisely Storch do Nascimento Santos
Fábio Santos de Andrade

Caderno de práticas pedagógicas para o ensino de leitura e escrita na Escola: proposta para uma aprendizagem emancipatória

UNIR

INSTITUTO FEDERAL
Rondônia

Gisely Storch do Nascimento Santos
Fábio Santos de Andrade

Caderno de práticas pedagógicas para o ensino de leitura e escrita na escola: proposta para uma aprendizagem emancipatória

1ª edição

Porto Velho
Instituto Federal de Rondônia
2019

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

S237c Santos, Gisely Storch do Nascimento.

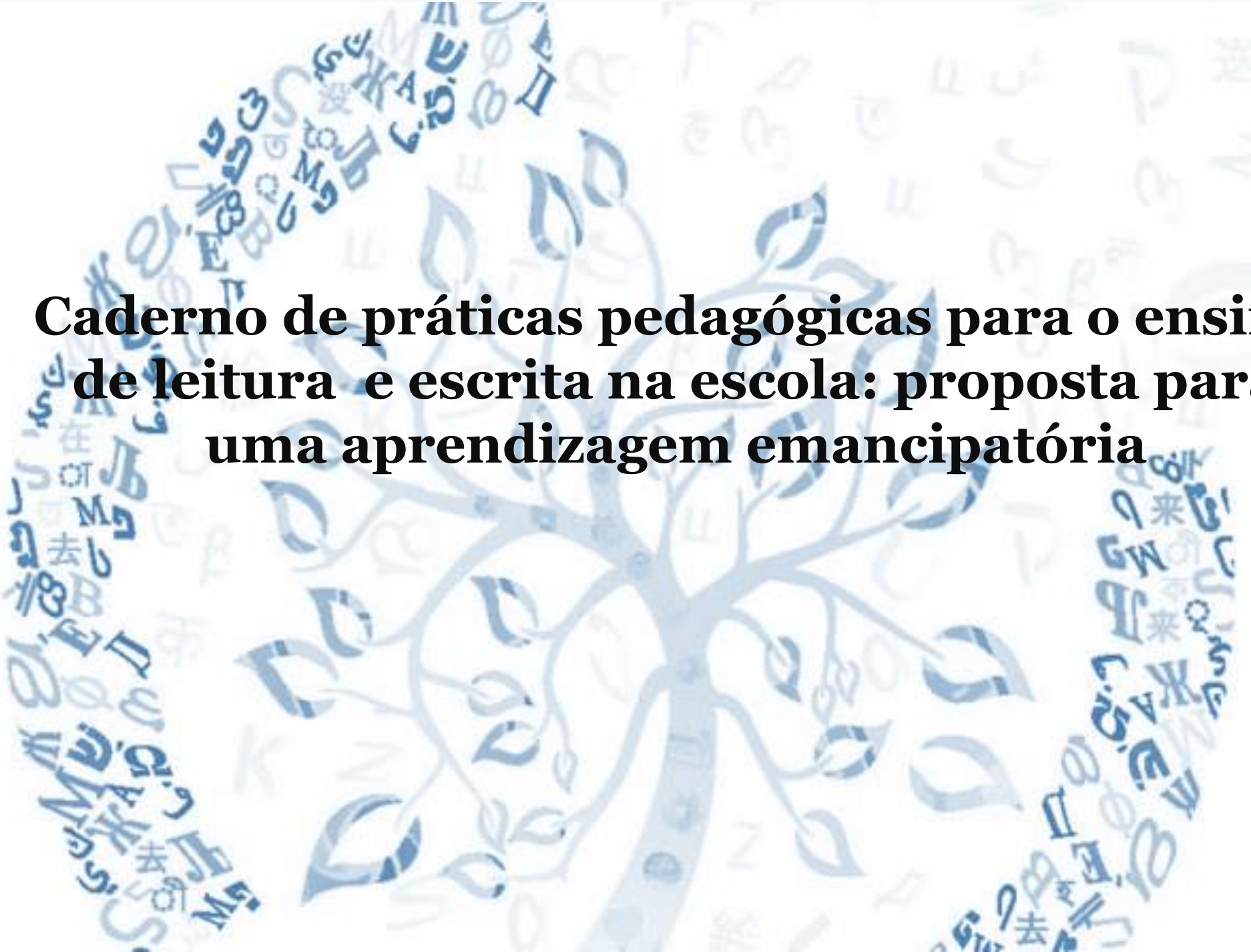
Caderno de práticas pedagógicas para o ensino de leitura e escrita na escola: proposta para uma aprendizagem emancipatória. / Gisely Storch do Nascimento Santos. -- Porto Velho, RO, 2019.
45 p.; il.

1. Gêneros textuais. 2. Pesquisa-ação. 3. Emancipação linguística. I. Produto final de dissertação - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar - Mestrado e Doutorado Profissional. II. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

CDU 37:81-13

Bibliotecária Rejane Sales de Lima Paula CRB 11/903

Caderno de práticas pedagógicas para o ensino de leitura e escrita na escola: proposta para uma aprendizagem emancipatória



AUTORES

Gisely Storch do Nascimento Santos Mestra em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional da Universidade Federal de Rondônia (PPGEE/UNIR). Professora de Letras – Português e suas respectivas literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) *Campus* Colorado do Oeste. E-mail: gisely.storch@ifro.edu.br

Fábio Santos de Andrade Doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar - Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEE) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Líder do Grupo de Estudos Pedagógicos (GEP) e membro da linha de pesquisa sobre Educação Social. E-mail: fasaan@hotmail.com

AGRADECIMENTOS

Aos meus alunos e alunas que, ao longo desses 13 anos de docência, impuseram a mim desafios e inquietações diante das desigualdades que ainda persistem no âmago de nossas escolas e que contribuíram de forma determinante para a construção desta profissional que, hoje, pode trazer ao debate acadêmico os desafios do chão da escola.

Agradeço aos alunos participantes da pesquisa; este trabalho é por vocês e para vocês.

Agradeço com muito carinho ao meu orientador, professor Fábio, pelo empenho, pela sensibilidade em compreender minhas limitações e apostar no meu potencial para a conclusão deste trabalho.

Aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar (MEPE), não há palavras que expressem minha gratidão pela possibilidade de tê-los como mestres. A humildade de todos em compartilhar conosco seus conhecimentos e reflexões nos ensinaram o verdadeiro sentido de ser professor. Muito obrigada!

À Universidade Federal de Rondônia: nós nos levantaremos em sua defesa, sempre!

Ao Instituto Federal de Rondônia, meu mais sincero agradecimento. Esta instituição muda a vida das pessoas – mudou a minha! Gratidão eterna.

SUMÁRIO

Apresentação	8
Uma proposta para o trabalho com a leitura	10
Iniciando a conversa	11
Vamos ler?	12
Agora, é a sua vez	14
Uma proposta para o trabalho com a escrita	16
Módulo 1	17
Módulo 2	27
Módulo 3	32
Continuando a conversa	33
Anexos	35
Referências	44

APRESENTAÇÃO

Este caderno é o resultado de uma pesquisa interventiva, na perspectiva da pesquisa-ação, desenvolvida com estudantes do 1º ano do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IFRO - *Campus* Colorado do Oeste. Trata-se de uma construção coletiva a partir do diálogo, aplicação, avaliação e reflexão de práticas pedagógicas que tiveram como objetivo primar por uma aprendizagem emancipatória em Língua Portuguesa no que tange o ensino de leitura e escrita.

O material ora apresentado não tem a pretensão de apresentar uma “receita”, mas possíveis caminhos que possam contribuir para o trabalho em sala de aula daqueles profissionais que elegem a leitura e a escrita como objetos de ensino.

Este material integra a pesquisa de mestrado intitulada *Do campo para a educação profissional: desafios para uma aprendizagem emancipatória em Língua Portuguesa*, cujo objetivo principal foi investigar em que medida o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula contribui para a superação das dificuldades em Língua Portuguesa dos estudantes com necessidades de aprendizagem provenientes da educação do campo.

Desejamos que o material possa contribuir com os demais profissionais que trabalham com a linguagem na busca incessante por uma educação emancipatória dos nossos jovens estudantes.

Gisely Storch do Nascimento Santos
Fábio Santos de Andrade

UMA PROPOSTA PARA O TRABALHO COM A LEITURA

Que a leitura é fundamental para nossa vida em sociedade já sabemos. Mas como atrair nossos jovens estudantes que, comumente, se mostram resistentes à leitura?

Partindo desse questionamento, elegemos o gênero crônica para iniciar nosso trabalho com a leitura. Apresentaremos a seguir a sequência de atividades desenvolvidas e que tiveram como objetivo despertar o interesse nos estudantes e promover a rotina de leitura em sala de aula.

Iniciando a conversa...

Por que ler?
Ler é chato? Por quê?
Você concorda com as ideias da tirinha?

O objetivo desta etapa foi iniciar um diálogo sobre a leitura e desmistificar a ideia de que a leitura seja uma atividade chata e enfadonha.

VAMOS LER?!

O homem nu – Fernando Sabino

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.
— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.
— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.
Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.
Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:
— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.
Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.
Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!
Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:
— Maria, por favor! Sou eu!
Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.
Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.
— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.
E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!
— Isso é que não — repetiu, furioso.
Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.
— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.
Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:
— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...
A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:
— Valha-me Deus! O padeiro está nu!
E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:
— Tem um homem pelado aqui na porta!
Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:
— É um tarado!
— Olha, que horror!
— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!
Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.
— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.
Não era: era o cobrador da televisão.

A crônica “O homem nu”, de Fernando Sabino, foi muito bem recebida pelos estudantes. É um texto humorístico que, inevitavelmente, desperta o riso dos leitores. A opção por iniciar o trabalho com textos humorísticos considerou a importância de despertar nos estudantes o prazer pela leitura; neste caso, as crônicas de humor são muito bem-vindas!

Nessa atividade, foi possível observar a fluidez da leitura dos estudantes e trabalhar a oralidade, a pontuação e a entonação.

Conexões são feitas: “Professora, cenas hilárias como essa são comuns em filmes!”.

A atividade se repetiu por algumas aulas. O momento tornou-se a parte mais esperada da aula!

Agora, é a sua vez!

Após algumas aulas, é a vez dos estudantes serem protagonistas! Pedimos a eles que escolhessem textos para que fossem compartilhados com a turma. A proposta visa a estimular os estudantes à pesquisa, à leitura e ao protagonismo enquanto estudantes.

A cobrança - Moacyr Scliar

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: "Aqui mora uma devedora inadimplente".

— Você não pode fazer isso comigo — protestou ela.

— Claro que posso — replicou ele. — Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

— Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...

— Já sei — ironizou ele. — Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que estou fazendo.

— Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta...

— Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar sua dívida.

Neste momento começou a chuviscar.

— Você vai se molhar — advertiu ela. — Vai acabar ficando doente.

Ele riu, amargo:

— E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.

— Posso lhe dar um guarda-chuva...

— Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva.

Ela agora estava irritada:

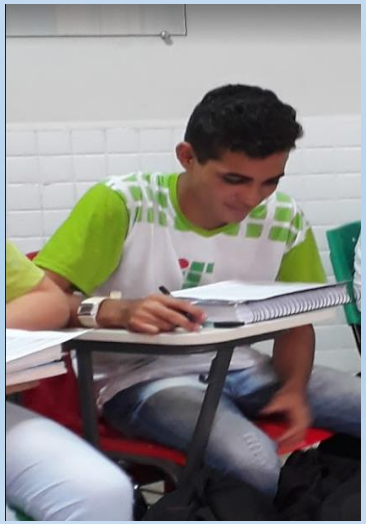
— Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

— Sou seu marido — retrucou ele — e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que quer você que eu faça? Que perca meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para outro, diante da casa, carregando o seu c

O texto “A cobrança” de Moacyr Scliar, além de ter um viés humorístico muito forte, despertou nos estudantes questões como consumismo, o comportamento masculino e o estereótipo feminino; sendo o homem o “responsável” e a mulher a consumista. A questão da convivência, o respeito, o cuidado com o outro, enfim, o texto possibilitou uma gama de discussões que extrapolaram a questão humorística.

As sequências de atividades possibilitam os trabalhos coletivos e individuais. Na proposição ora apresentada, tivemos as atividades coletivas (leitura e discussões) e as atividades individuais (a escolha dos textos e a pesquisa).



UMA PROPOSTA PARA O TRABALHO COM A ESCRITA

Assim como a leitura, percebemos que o trabalho com a escrita em sala de aula não é uma tarefa fácil. Nossos alunos afirmam que não sabem escrever!

Desta forma, buscamos elaborar uma sequência de atividades que possibilitasse aos jovens estudantes desenvolverem habilidades com a escrita.

Para essa sequência de atividades, elegemos o gênero relato.

Apresentaremos a seguir a sequência desenvolvida durante a pesquisa.

Módulo 1 – Conhecendo melhor o gênero

1.1 Objetivos:

Ler de forma autônoma e emancipada diversos textos do gênero relato pessoal; apropriar-se da estrutura e da linguagem da ordem do relatar; acionar memórias e experiências que subsidiem a produção textual; compreender a funcionalidade comunicativa do gênero relato pessoal.

1.2 Motivação/sensibilização:

Solicitar aos estudantes que escolhessem fotos que representassem momentos marcantes para eles (uma viagem, uma reunião familiar, um piquenique, uma festa etc.); organizar uma roda para compartilhar as experiências.

1.3 Introdução

Dando sequência às atividades, expusemos aos alunos imagens de crianças em seu primeiro dia de aula, de escolas e de pais deixando seus filhos nas escolas. Em seguida, questionamos os estudantes sobre como havia sido a experiência no primeiro dia de aula de suas vidas.

Feita essa breve exposição de impressões, apresentamos a eles o título do texto “Minha primeira professora”, de Paulo Freire. Questionamos os estudantes sobre o que o título do texto despertava neles – como boas ou más lembranças – e se ainda se lembravam de sua primeira professora.

Depois disso, foi explicado, brevemente, o que caracterizava um relato pessoal e apresentada algumas informações sobre o autor do texto.

1.4 A leitura

Neste momento, foram distribuídas aos estudantes cópias com o texto para leitura.

Minha primeira professora – Paulo Freire

A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha. É claro que eu uso esse termo, professorinha, com muito afeto. Chamava-se Eunice Vasconcelos (1909-1977), e foi com ela que eu aprendi a fazer o que ela chamava de "sentenças".

Eu já sabia ler e escrever quando cheguei à escolinha particular de Eunice, aos 6 anos. Era, portanto, a década de 20. Eu havia sido alfabetizado em casa, por minha mãe e meu pai, durante uma infância marcada por dificuldades financeiras, mas também por muita harmonia familiar. Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal.

Não houve ruptura alguma entre o novo mundo que era a escolinha de Eunice e o mundo das minhas primeiras experiências - o de minha velha casa do Recife, onde nasci, com suas salas, seu terraço, seu quintal cheio de árvores frondosas. A minha alegria de viver, que me marca até hoje, se transferia de casa para a escola, ainda que cada uma tivesse suas características especiais. Isso porque a escola de Eunice não me amedrontava, não tolhia minha curiosidade.

Quando Eunice me ensinou era uma meninota, uma jovenzinha de seus 16, 17 anos. Sem que eu ainda percebesse, ela me fez o primeiro chamamento com relação a uma indiscutível amorosidade que eu tenho hoje, e desde há muito tempo, pelos problemas da linguagem e particularmente os da linguagem brasileira, a chamada língua portuguesa no Brasil. Ela com certeza não me disse, mas é como se tivesse dito a mim, ainda criança pequena: "Paulo, repara bem como é bonita a maneira que a gente tem de falar!..." É como se ela me tivesse chamado.

Eu me entregava com prazer à tarefa de "formar sentenças". Era assim que ela costumava dizer. Eunice me pedia que colocasse numa folha de papel tantas palavras quantas eu conhecesse. Eu ia dando forma às sentenças com essas palavras que eu escolhia e escrevia. Então, Eunice debatia comigo o sentido, a significação de cada uma.

Fui criando naturalmente uma intimidade e um gosto com as ocorrências da língua - os verbos, seus modos, seus tempos... A professorinha só intervinha quando eu me via em dificuldade, mas nunca teve a preocupação de me fazer decorar regras gramaticais.

Mais tarde ficamos amigos. Mantive um contato próximo com ela, sua família, sua irmã Débora, até o golpe de 1964. Eu fui para o exílio e, de lá, me correspondia com Eunice. Tenho impressão de que durante dois anos ou três mandei cartas para ela. Eunice ficava muito contente.

Não se casou. Talvez isso tenha alguma relação com a abnegação, a amorosidade que a gente tem pela docência. E talvez ela tenha agido um pouco como eu: ao fazer a docência o meio da minha vida, eu termino transformando a docência no fim da minha vida.

Eunice foi professora do Estado, se aposentou, levou uma vida bem normal. Depois morreu, em 1977, eu ainda no exílio. Hoje, a presença dela são saudades, são lembranças vivas. Me faz até lembrar daquela música antiga, do Ataulfo Alves: "Ai, que saudade da professorinha, que me ensinou o bê-á-bá'

(Paulo Freire, publicado pela Revista Nova Escola em dezembro de 1994).

Disponível em: http://ccmc1ano.blogspot.com.br/2012/05/relato-pessoal.html Acesso em: 01 junho 2019.

Foi feita uma primeira leitura, individual e silenciosa. Posteriormente, os alunos expuseram suas impressões a respeito do texto, mediados pela pesquisadora.

Em seguida, ouviram a canção “Meus tempos de criança”, de Ataulfo Alves, e foram instigados a expressar suas impressões sobre a canção e as diferenças que perceberam em relação às canções atuais.

Uma nova leitura da crônica em voz alta foi feita, desta vez por mim, pesquisadora, em seguida sondamos os estudantes com algumas perguntas sobre a compreensão global do texto: O que foi relatado? O título por si só nos dá informações suficientes para presumirmos o que será relatado? Quem são as personagens? Como elas nos são apresentadas? Onde os fatos acontecem? Qual o tema do relato? Qual a finalidade do texto? Vocês já leram textos semelhantes?

1.5 Interpretação

<u>Atividade 1: Questionamento sobre o texto:</u>

1) No texto lido, o autor, Paulo Freire, relata um episódio marcante de sua vida. Qual foi esse episódio?

2) Um momento difícil para muitas crianças é a passagem de casa para a escola.

a) Como foi esse momento para o menino Paulo Freire?

b) Por que esse processo aconteceu desse modo?

3) Quando Paulo Freire entrou na escola, com seis anos, já sabia ler e escrever. Apesar disso, nunca esqueceu as lições que teve com sua primeira professora.

a) O que ele aprendeu com ela? Como era feito esse trabalho?

b) Que curiosidade a professora despertou no menino?

c) Como ela agia em relação a conteúdos gramaticais?

4) A professora Eunice não se casou. Para Paulo Freire, isso provavelmente se deveu à dedicação ao magistério. Ele diz: “E talvez ela tenha agido um pouco como eu: ao fazer a docência o meio da minha vida, eu termino transformando a docência no fim da minha vida”.

a) O que significa, no contexto, a docência como meio de vida?

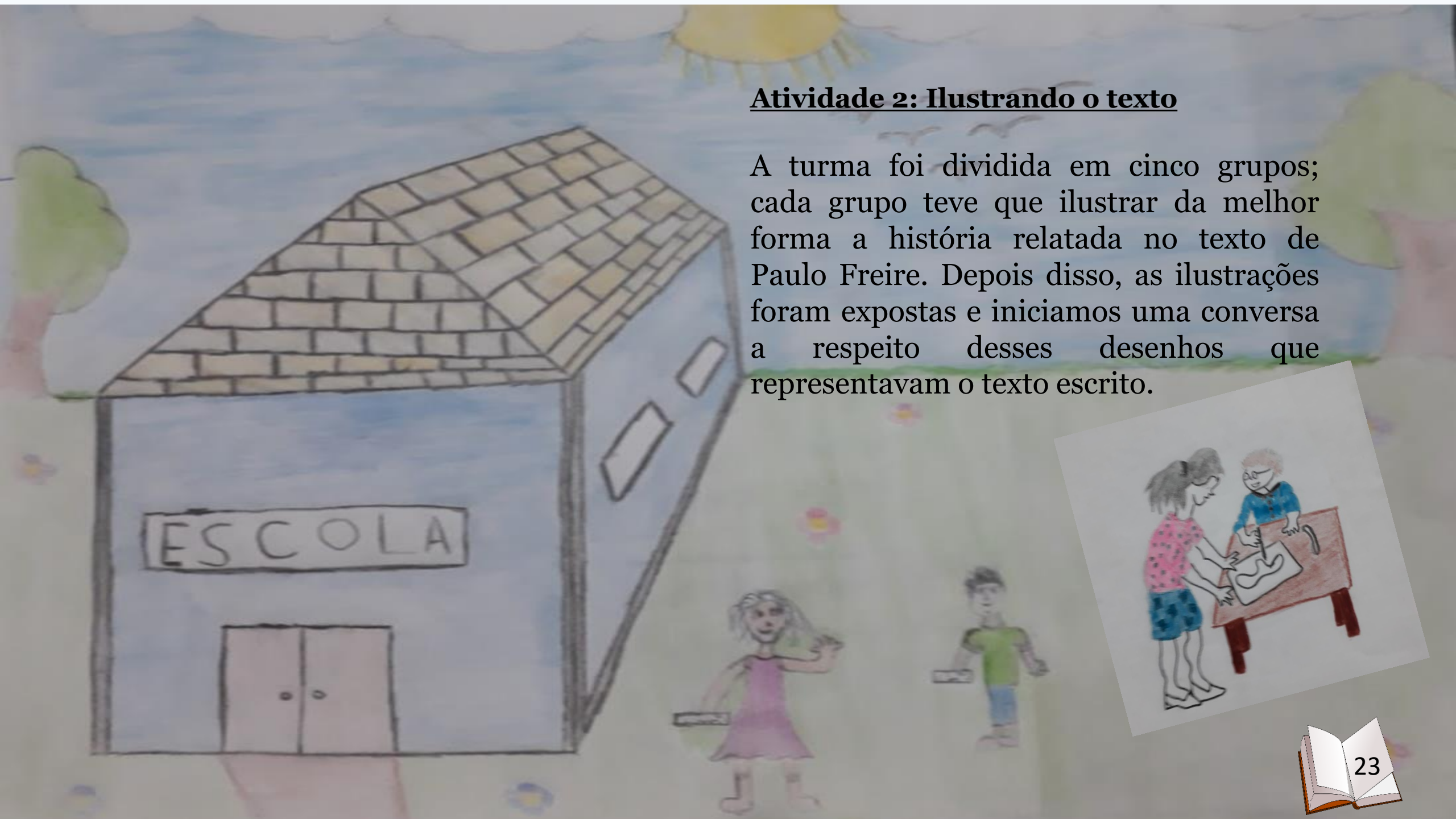
b) E como fim?

5) Ao relatarmos fatos do passado, é natural que aflorem alguns sentimentos. Que sentimentos afloram no relato de Paulo Freire? Comprove sua resposta com um trecho do texto.

6) Paulo Freire ficou conhecido internacionalmente pelo método de alfabetização que inventou. Diferentemente de criadores de outros métodos, que às vezes tratam de assuntos que nada têm a ver com o educando, Paulo Freire propõe, em um de seus livros: Essa proposta de alfabetização está relacionada com as primeiras experiências de Paulo Freire no mundo da leitura e da escrita? Justifique sua resposta.

Atividade 2: Ilustrando o texto

A turma foi dividida em cinco grupos; cada grupo teve que ilustrar da melhor forma a história relatada no texto de Paulo Freire. Depois disso, as ilustrações foram expostas e iniciamos uma conversa a respeito desses desenhos que representavam o texto escrito.



1.6 Trabalhando o gênero: a organização linguística e discursiva do relato

Atividade 1 - Tempos verbais e pessoa do discurso, reconhecendo seus efeitos

Esclarecemos aos alunos que as escolhas linguístico-discursivas são características do gênero em questão. Para isso, selecionamos trechos do texto, destacando os pronomes e verbos empregados nesse gênero:

*"**Eu** já **sabia** ler e escrever quando **cheguei** à escolinha particular de Eunice, aos 6 anos. **Era**, portanto, a década de 20. **Eu havia sido** alfabetizado em casa, por minha mãe e meu pai, durante uma infância marcada por dificuldades financeiras, mas também por muita harmonia familiar. Minha alfabetização não **me foi** nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal."*

Em seguida, foi estimulada a reflexão dos alunos, questionando-os sobre o porquê da escolha do pronome em primeira pessoa e dos verbos no passado: Que relação essa escolha estabelece com o gênero relato pessoal?

As reflexões tiveram como intuito evidenciar aos estudantes que as escolhas linguísticas estão relacionadas à função comunicativa de cada gênero. Esta reflexão é de suma importância para a formação de escritores autônomos e linguisticamente emancipados.

Usamos o termo linguisticamente emancipados para reforçar a importância da linguagem nas nossas relações sociais.

1.7 Trabalhando o gênero: as características do gênero relato pessoal

A partir do trabalho de leitura e discussão do texto, elaboramos um quadro sistematizando as características do gênero relato pessoal.

Propósito	**Relatar episódios/experiências marcante na vida de quem escreve**
Destinatário	Pessoas com finidade com a leitura; pessoas que gostam de lembrar do passado; pessoas saudosistas
Conteúdo	-Lembranças, experiências importantes na vida de uma pessoa
Organização	• Traz um título que estimula o leitor a ler o texto; • Apresenta informações ao leitor do fato relatado e de sua importância, onde e quando aconteceu e os personagens envolvidos; • Presença de um narrador personagem – em primeira pessoa – que conduz a narração, dando ênfase para as sensações e emoções vividas no passado; • Descrições de pessoas, lugares e objetos.
Linguagem	• Formal ou informal, conforme o autor e o público leitor; • O texto apresenta marcas de subjetividade, tem um tom de saudade, reflexões e desejo de reviver; • Os verbos são empregados no passado e há a presença de expressões adverbiais de tempo e espaço bem definidos.

Módulo 2 – Mãos à obra: escrevendo e reescrevendo

2.1 Objetivo:

Produzir um relato pessoal considerando as características do gênero.

2.2 A escrita: acionando a memória

Convidamos os estudantes a acionarem a memória e relembrarem de alguma situação vivida que lhes trouxesse boas lembranças. Poderia ser uma festa, o primeiro dia de aula, o primeiro amor da infância, uma viagem – enfim, alguma recordação que lhes agradasse e que pudesse gerar um belo relato pessoal.

2.3 O planejamento do texto

O bom texto requer planejamento. Assim, direcionamos algumas questões para que os estudantes pudessem planejar os seus textos: Que experiência vou relatar? Quem está comigo neste acontecimento? Onde e quando aconteceu? Quais as minhas sensações ao relembrar esse acontecimento? O que eu quero relatar? Para quem vou escrever? Que linguagem devo utilizar? Que título darei ao meu texto?

2.4 A primeira produção

Os estudantes precisavam compreender que escrever é um processo de construção e reconstrução: a primeira versão nunca é a versão final (e a final não é final porque se findaram todas as possibilidades de revisão). Nesta etapa, a professora destacou como é o processo de escrita dos autores, o nosso processo de escrita.

2.5 A revisão individual e compartilhada

Após a produção da primeira versão, estimulamos os alunos a revisarem seus textos. É importante que os alunos se distanciem da condição de autores e assumam a condição de leitores; para isso, recomenda-se que os textos sejam revisados na aula seguinte à que foram produzidos.

Depois da primeira revisão individual, solicitamos que os estudantes trocassem seus textos com um colega. O colega seria um importante colaborador: não faria apenas uma revisão das características do texto e dos aspectos linguísticos, mas seria o primeiro leitor da produção de alguém. É importante trabalhar com os alunos essa cumplicidade com o colega.

2.6 A reescrita: os primeiros ajustes

Após as primeiras correções, era hora de reescrever o texto – e melhorá-lo com as sugestões recebidas do colega revisor.

2.7 A intervenção da pesquisadora

Após os primeiros ajustes, recolhemos as produções para avaliarmos e elaborarmos um roteiro que pudesse contribuir para a melhoria dos textos. Os textos foram devolvidos aos estudantes para que eles observassem se suas produções haviam atendido aos critérios abaixo:

a) O texto apresenta uma linguagem adequada ao gênero?

b) O título está adequado ao enredo da história? Convida o leitor para a leitura?

c) Estão presentes os elementos da narrativa (personagem, cenário, tempo, conflito e desfecho)?

d) O texto apresenta pontuação, paragrafação, concordância, ortografia e acentuações adequadas?

e) O enredo apresenta uma experiência vivida? É subjetivo? Há sequência de acontecimentos marcantes da vida do narrador?

f) Há impressões e reflexões sobre o fato protagonista do relato?

g) O relato está em primeira pessoa?

h) Foram usadas expressões para indicar o tempo e o lugar?

i) O relato apresenta trechos descrevendo a paisagem, as pessoas e os costumes?

j) O relato responde às perguntas: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

Com este roteiro, os alunos (re)escreveram a versão final do texto.

Módulo 3 – O texto tem vida! É hora de compartilhar

Objetivo:

Preparar a socialização dos textos com a comunidade escolar.

3.1 A organização

Era hora de socializar as produções dos estudantes. Esta socialização foi importante para que a atividade de escrita não se encerrasse em si mesma, e para que pudéssemos assumi-la como uma situação concreta de comunicação. Ao socializar as produções, os estudantes sentiram-se valorizados e seus textos foram lidos por outros alunos e outros professores.

Juntamente com a turma, decidiu-se que seria criado um painel com os textos, que ficou disponível no corredor das turmas de primeiro ano. Os demais alunos foram convidados a conhecer as histórias que marcaram a vida dos nossos escritores.

Continuando a conversa ...

Conforme já expusemos anteriormente, este material não tem a pretensão de apresentar uma receita, mas sim de estimular a reflexão acerca de possíveis estratégias para o trabalho com a leitura e a escrita em sala e aula. Fato é que nossos estudantes chegam à etapa final da educação básica com sérias necessidades de aprendizagem; são lacunas que poderiam e deveriam ter sido sanadas nas etapas anteriores. Contudo, eles chegam até nós e, desta forma, compete a nós, docentes, pensar em estratégias que minimizem as necessidades de aprendizagem dos nossos jovens estudantes.

Certamente, é possível pensar em estratégias de leitura com outros gêneros textuais (charges, histórias em quadrinhos, os mais diversos romances, jornais, revistas etc.). Para tanto, é preciso definir os objetivos e traçar estratégias que tornem o momento prazeroso e construtivo aos estudantes.

Com certeza, também é possível trabalhar a escrita com os mais diversos gêneros. Uma carta de reclamação destinada a um comércio local que não tem prestado bons serviços ao consumidor? Um requerimento destinado à prefeitura solicitando reparos em alguma estrada ou rua que dá acesso à escola? Um artigo de opinião a respeito de algum tema relevante à comunidade? São textos possíveis e necessários!

Enfim, esperamos que este material possa estimular a criatividade e a reflexão dos profissionais que fazem a educação acontecer todos os dias em nossas escolas.

ANEXOS

CRÔNICAS TRABALHADAS NAS ATIVIDADES DE LEITURA

Em Código

Fui chamado ao telefone. Era o chefe do escritório do meu irmão:

— Recebi de Belo Horizonte um recado dele para o senhor. É uma mensagem meio esquisita, com vários itens, convém tomar nota: o senhor tem um lápis aí?

— Tenho. Pode começar.

— Então lá vai. Primeiro: minha mãe precisa de uma nora.

— Precisa de quê?

— De uma nora.

— Que história é essa?

— Eu estou dizendo ao senhor que é um recado meio esquisito. Posso continuar?

— Continue.

— Segundo: pobre vive de teimoso. Terceiro: não chora, morena, que eu volto.

— Isso é alguma brincadeira.

— Não é não, estou repetindo o que ele escreveu. Tem mais. Quarto: sou amarelo, mas não opilado. Tomou nota?

— Mas não opilado — repeti, tomando nota. — Que diabo ele pretende com isso?

— Não sei não senhor. Mandou transmitir o recado, estou transmitindo.

— Mas você há de concordar comigo que é um recado meio esquisito.

— Foi o que eu preveni o senhor. E tem mais. Quinto: não sou colgate, mas ando na boca de muita gente. Sexto: poeira é a minha penicilina. Sétimo: carona, só de saia. Oitavo ...

— Chega! — protestei, estupefato. — Não vou ficar aqui tomando nota disso feito idiota.

— Deve ser carta em código, ou coisa parecida — e ele vacilou: — Estou dizendo ao senhor que também não entendi, mas enfim... Posso continuar?

— Continua. Falta muito?

— Não. está acabando: são doze. Oitava: vou mas volto. Nono: chega à janela, morena. Décimo: quem fala de mim tem mágoa. Décimo primeiro: não sou pipoca mas também dou meus pulinhos.

— Não tem dúvida, ficou maluco.

— Maluco não digo, mas como o senhor mesmo disse, a gente até fica com ar meio idiota ... Está acabando, só falta um. Décimo segundo: Deus, eu e o Rocha.

— Que Rocha?

— Não sei: é capaz de ser assinatura.

— Meu irmão não se chama Rocha, essa é boa!

— É, mas que foi ele que mandou, isso foi.

Desliguei, atônito, fui até refrescar o rosto com água, para poder pensar melhor. Só então me lembrei: haviam-me encomendado uma crônica sobre essas frases que os motoristas costumam pintar, como lema, à frente dos caminhões. Meu irmão, que é engenheiro e viaja sempre pelo interior fiscalizando obras, prometera ajudar-me, recolhendo em suas andanças farto e variado material. E ele viajou, o tempo passou, acabei me esquecendo completamente do trato, na suposição de que o mesmo lhe acontecera.

Agora, o material ali estava, era só fazer a crônica. Deus, eu e Rocha! Tudo explicado: Rocha era o motorista. Deus era Deus mesmo, e eu, o caminhão.

Fernando Sabino

Segredo de mulher

Como a Fidência se gabasse de discreta, seu marido resolveu tirar a prova. E para isso uma noite acordou-a com ar assustado, dizendo:

— Que estranho fenômeno, Fidência! Pois não é que acabo de botar um ovo?

— Um ovo?! - exclamou a mulher, arregalando os olhos.

— Pois é para ver. E cá está ele, ainda quentinho. Mas escute: é preciso que isto fique em segredo absoluto entre nós. Você bem sabe como é o mundo. Se a notícia corre, começam todos a troçar de mim e acabam pondo-me apelido. Segure, pois, a língua. Nunca diga nada a ninguém.

— A mulher jurou segredo e soube guardá-lo por umas horas, enquanto era noite e não tinha com quem taramelar. Mas logo que amanheceu pulou da cama e foi correndo em procura da comadre Teresa.

— Você é capaz, Teresa, de guardar um segredo eterno?

— Toda gente sabe que minha boca é um túmulo...

— Pois então ouça: meu marido esta noite botou dois ovos! ...

— Não diga!...

— Pois é isso. Mas, olhe!... Isto é segredo inviolável. Jura que jamais o contará a ninguém.

A comadre Teresa beijou dois dedos em cruz; mas logo que a Fidência se foi, sentiu na língua uma tal comichão que contou a história dos três ovos à tia Felizarda.

Tia Felizarda também jurou segredo, mas contou a história dos quatro ovos à prima Joaquina.

Prima Joaquina também jurou segredo, mas contou a história dos cinco ovos à sua amiga Inês...

Inês...

E o caso foi que ao meio-dia a cidade inteira só comentava uma coisa — o estranho fenômeno de Zé Galinha, misterioso homem que punha cada noite doze dúzias de ovos...

(Monteiro Lobato)

O Soldado e o Jacu

Durante a luta dos jagunços do Padre Cícero, no Ceará, houve um episódio muito significativo. As forças da Polícia estavam absolutamente cientes de como se daria a ofensiva. Os soldados ficariam dissimulados atrás da folhagem, aguardando a ordem de avançar, que seria dada no momento em que os jagunços, colhidos de surpresa, não mais pudessem fugir.

Estavam os homens emocionados, contendo a respiração, esperando o sinal, quando um jacu, um danado dum jacu, pousou bem junto do caboclo que deveria ter tomado duns tragos só para esquentar a coragem, mas que bebera bem mais do que o necessário para isto. E o jacu ficou ali, assanhando o soldado, que nem uma dançarina. Saracoteava, ia e vinha, pulava de um galho para o outro, numa tentação que não tinha medida. O silêncio era o mais completo. Tudo parecia morto. Só a danada daquela ave é que continuava no seu remelexo. Parecia dizer, muito cínica:

— Vamos, atire, se você é homem! Olhe, eu estou caçoando é de você! Sou capaz de fazer meu ninho em cima do cano de sua espingarda. Soldado mole! Vamos, atire! Quero ver se tem coragem!

E o espevitado do jacu, cada vez mais perto, desafiava o caboclo. Aquilo era desaforo. Justamente ele, o melhor caçador do sertão, e a danada daquela caça como que a rir nas suas barbas! A coisa chegou a um ponto que o soldado não agüentou. Foi quando, lá pela décima vez o jacu se colocou bem na frente, ele apertou o gatilho... Deus nos acuda... Os homens pensaram que já estava na hora e se precipitaram!

Os jagunços viram os soldados de longe, sumiram de repente, e foi o desastre militar mais desgraçado. Pergunta daqui, pergunta dali e o comandante soube quem fora o infeliz que dera o disparo. Carregaram o caboclo, ainda mais bêbado a essa hora, para o oficial. Este morria de raiva, uma raiva devastadora, que não conhecia limites.

Você, seu desequilibrado! Você, tipo anormal! É a vergonha da polícia! Mas, fique sabendo, hem? Vai pagar caro pela sua audácia! Vai ser fuzilado! Vai ser fuzilado já! Então, nós nos sacrificamos para que um inconsciente como você desgrace todo mundo? Vai ser fuzilado, e já.

O soldado abria e fechava os olhos, na indiferença da bebedeira. Pouco se lhe dava aquele escarcéu do comandante. Mas achou, decerto, que seria muito mais digno mostrar bravura. E quando ouviu "vai ser fuzilado, e já", falou de língua emperrada:

— Isso mesmo. Tá direito. Quanto mais fuzi... mió !

Diná Silveira de Queirós

O destino (à maneira dos... Chineses)

Encontraram-se os dois chineses.

– Olá, Shen-Tau, por onde andou?

– Ah, passei seis meses no hospital, Shin-Fon.

– Eh, isso é mau!

– Nada, isso é bom: casei com uma enfermeira bacaninha.

– Ah, isso é bom!

– Que o quê — isso é mau. Ela tem um gênio dos diabos.

– É, isso é mau.

– Não, não, isso é bom; o avô dela deixou uma herança e eu não preciso trabalhar porque ele acha que só eu sei cuidar do gênio dela.

– Oh, oh, isso é que é bom!

– Oh, oh, isso é que é mau! Com o gênio dela, às vezes não me dá um níquel. E como eu não trabalho, não tenho o que comer.

– Xi, isso é mau!

– Engano, isso é bom. Eu estava ficando gordo e mole — vê só, agora, o corpinho com que eu estou.

– É mesmo — isso é bom!

– Que bom! Isso é mau. As pequenas não me deixam e acabei gostando de outra.

– Êpa, isso é mau mesmo.

– Mau nada, isso é bom. Essa outra mora num verdadeiro palácio e me trata como um príncipe.

– Então isso é bom!

– Bom? Isso é mau: o palácio pegou fogo e foi tudo embora.

– Acho que isso é realmente mau!

– Mau nada: isso é bom. O palácio pegou fogo porque minha mulher foi lá brigar com a outra, virou um lampião e as duas morreram num incêndio. Eu fiquei rico e só.

– Isso... é bom... ou é mau, Shen-Tau?

– Isso é muito bom, Shin-Fon.

Moral: Nada fracassa mais do que a vitória e vice-versa.

Millôr Fernandes

Farofa de F

Um cearense, chegando ao Rio de Janeiro, foi ao restaurante para almoçar. Ao falar, suas palavras começavam sempre pela letra "F". E assim dialogou com a garçonete:

— Faça o favor!

— Que deseja o senhor?

— Fineza fazer frango frito.

— Com quê?

— Farinha, feijão e farofa.

— Aceita pão, meu senhor?

— Faça fatias.

A esta altura, a garçonete ficou indignada, mas voltou a falar:

— Mais alguma coisa?

— Filé e fígado.

Terminando o almoço, a garçonete pergunta:

— O café está bom?

— Frio e fraco.

— Como o senhor gosta?

— Forte e fervendo.

— De onde o senhor é?

— Fortaleza

— Como é o seu nome?

— Francisco Fagundes Ferreira.

— O que o senhor foi na vida?

— Fui ferreiro.

— Deixou o emprego?

— Fui forçado.

— Por que?

— Faltou ferro.

— Que fabricava?

— Ferrolho, fechadura, ferraduras e ferragens.

— Se o senhor disser mais seis palavras com a letra "F" não paga a conta.

— Foi formidável. Ficando fiado, fico freguês.

Crise

Foi um neto que descobriu:

– Tá nascendo cabelo no vô!

E, realmente, começara a nascer cabelo na careca do Dr. Romualdo, sessenta e seis anos, recém-aposentado. Em poucas semanas, a careca do Dr. Romualdo estava coberta de cabelo novo. Qual era o segredo? Alguma poção mágica, Dr. Romualdo?

– Não, não. Não uso nada.

Outra coisa. O Dr. Romualdo começou a mudar. Suas feições. Era difícil de descrever. Ele parecia que estava remoçando. Era isso.

– É o cabelo – explicava o Dr. Romualdo, afastando com a mão a mecha castanha que teimava em lhe cair sobre a testa.

Mas não era só o cabelo. As rugas estavam desaparecendo. A papada. De semana a semana Dr. Romualdo parecia ficar mais moço. Parecia estar remoçando um ano por dia. Dona Nena resolveu tomar uma atitude.

– Para, Romualdo.

– Mas, Nena. Eu não estou fazendo nada!

A questão era que dona Nena era dez anos mais moça do que o marido, mas ele agora parecia ter cinco anos menos do que ela. E no dia seguinte, seis. Depois sete. Em uma quinzena, dona Nena estava casada com um homem vinte anos mais moço. Pelo menos na aparência. Não ficava bem.

O filho, médico, não encontrava explicações para o fenômeno. A saúde do Dr. Romualdo era perfeita. Aliás, ele nunca se sentira melhor. Recomeçava a fazer coisas que não fazia mais. Até pediu para entrar no time de futebol de salão do filho. Mas não durou muito no time. A média de idade dos jogadores era de quarenta anos. Ninguém agüentava o entusiasmo juvenil do Dr. Romualdo na quadra. Como não podia ir atrás de mulheres na sua motocicleta – afinal, ainda era o respeitável Dr. Romualdo, avô, jurista renovado –, descarregava o seu novo vigor dividindo bola. O neto mais velho subitamente ganhou um companheiro da sua idade, o próprio avô, que além de tudo era a sua cara. Espinhas e tudo. Mas a conversa entre os dois era difícil. A gíria do avô era antiga. Por mais que tentasse, ele não conseguia gostar do RPM. Paralamas, então, nem pensar. E certamente o neto não podia convidar o próprio avô para descolar umas gatas. Vantagem, mesmo, em fazer programa com Dr. Romualdo ("Me chama de Ro", pede ele) era que ele sempre pagava tudo.

A crise chegou ao auge no dia em que dona Nena chamou o marido e ele, distraído, folheando sua velha coleção do Tesouro da Juventude, respondeu: "Senhora?". Foi convocada uma reunião familiar. O irmão do Dr. Romualdo, três anos mais moço do que ele, pelo menos na certidão. O filho. A nora. Dona Nena. O advogado da família, pois tinham que pensar nas implicações legais do fenômeno. Afinal, se aquilo continuasse, em pouco tempo o Dr. Romualdo... Foi neste ponto da discussão que o filho fez um sinal, pedindo silêncio aos outros, e virou-se para o Dr. Romualdo.

– Papai...

– Ahn?

– Vai brincar na outra sala, vai.

Luis Fernando Veríssimo

Debaixo Da Cama

Uma cama larga, simbolizando o país. Sobre a cama, não me pergunte como, um reacionário, simbolizando as classes dominantes, sua mulher frívola e infiel, simbolizando a inconsciência nacional. E um doido, simbolizando um doido.

Fala o doido:

– Esse ruído...

– Que ruído? – pergunta o reacionário.

– Debaixo da cama.

– Não ouvi ruído nenhum.

– Exatamente. Não é estranho? O jacaré está quieto.

– Que jacaré?

– O jacaré embaixo da cama.

A mulher frívola e infiel dá um grito abafado. O reacionário diz:

– Não há jacaré nenhum embaixo da cama.

O doido faz uma cara triunfante e pergunta:

– Se não há jacaré embaixo da cama, então o que é que está em silêncio?

A lógica do argumento é inatacável. E, a julgar pelo tamanho do silêncio, o jacaré é enorme.

– Por que será que ele está quieto? – pergunta o reacionário.

– Não sei – diz o doido – A não ser que ele tenha comido alguém...

A mulher frívola e infiel leva as mãos à boca, mas deixa escapar um nome:

– Danilo!

– O quê? – dizem o reacionário e o doido, juntos.

– Nada, nada...

Mas ela desaparece sob o lençol para chorar seu amante. Danilo, comido por um jacaré embaixo da cama! E com o pijama novo que ela lhe deu.

– O jacaré deve ter comido o comunista – diz o reacionário.

– Que comunista?

– Tem sempre um comunista debaixo da cama.

– Depois eu é que sou doido... Não tem comunista nenhum debaixo da cama.

– Se o jacaré comeu, não tem mesmo.

– Só há uma maneira de sabermos o que realmente aconteceu

– Diz o doido, sensatamente, – Olharmos debaixo da cama.

Os dois espiaram em baixo da cama e vêem um moço de pijama novo, que sorri sem jeito.

O reacionário endireita-se na cama e começa a refletir. Olhar para o doido, depois olha para a sua mulher que chora. Aos poucos, vai se dando conta da situação.

– Meu Deus! – exclama.

– O quê? – diz o doido, pensando que é com ele.

– O comunista comeu o jacaré?

Luís Fernando Veríssimo

O Julgamento

– Senhores! – dizia galo. – O crime praticado pelo tatu é daqueles que exigem severo castigo! O tatu, senhores, comeu o milho pertencente à Coita, cujas virtudes todos nós conhecemos! A cotia havia furtado a espiga de milho de um roçado e tinha me prometido a metade! E veio o tatu, esse criminoso que vive escondido o dia inteiro, e comeu diversos grãos de milho da pobre senhora! Peço, pois para o Tatu a sentença de morte!

– Muito bem! – gritou o periquito, que assistia a sessão.

– Morra o ladrão de milho! Morra o Tatu! A defesa feita pelo Sapo não adiantou nada.

– Senhores! – disse este.

– Não foi o tatu que comeu o milho da cotia!

– Foi! – respondeu a Rã.

– Não foi!

– Foi!

– Não foi!

– Foi!

– Não foi!

As testemunhas e os jurados estavam todos contra o Tatu.

Exigiam a sentença de morte.

– Enforque-se o Tatu! – propunha um.

– Corte-se a cabeça do Tatu! – reclamou outro.

– Atire-se o Tatu no rio!

– Fuzile-se o Tatu!

Foi por essa altura que o Doutor Macaco pediu silêncio e entrou com sua mania de bicho escovado.

Ele era do Tatu, mas via que era impossível absorver o amigo. E começou assim:

– Meus senhores! Acabamos de ver que o Tatu é mesmo um criminoso. É o maior criminoso que tem passado por esse tribunal. O castigo que ele merece deve ser, pois, o mais terrível, de modo a servir de exemplo. Não devemos atirar o Tatu no rio. O castigo do Tatu deve ser maior, mais feroz!

E dando um murro na mesa:

– O Tatu deve ser enterrado vivo!

– Muito bem! Muito bem! Aprovaram todos os bichos, sem compreender o plano do Macaco.

Nessa mesma tarde, o Cachorro, o Gato, o Porco e outros funcionários da policia abriram um buraco no chão e, cumprindo a sentença do Doutor Macaco, enterraram o Tatu. Era isso, porém, que o tatu queria. No fundo da terra, começou a cavar e foi sair muito adiante, ganhando o mato e não aparecendo mais. Devia a vida ao seu amigo Macaco.

Enquanto isso, o Sapo, seu advogado, ainda hoje passa a noite a discutir com os outros se foi o Tatu mesmo quem comeu o milho da Cotia.

O Pombo Enigmático

Na inelutável necessidade do amor (era quase primavera) pombo e pomba marcaram um encontro galante quando voavam e revoavam no azul do Rio de Janeiro. Era bem de manhãzinha.

– Às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – Disse o pombo.

– Candelária? – perguntou a noiva.

– Do lado norte – respondeu ele.

– Tá – assentiu com alegria e pudor a pomba.

Pois, às quatro azul em ponto, a pomba pontualíssima pousava pensativamente no beiral. O pombo? O pombo não.

A pombinha, que era branca sem exagero, arrulhava, humilhada e ofendida com o atraso, contemplando acima do campanário todas as possibilidades da rosa-dos-ventos. Mas na paisagem do céu voavam só velozes andorinhas garotas, porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas, pensando na morte, como gente fina, lá dentro, nos dias solenes de missa de réquiem.

Quatro e dez. quatro e um quarto. Uma pomba sozinha, à mercê quem sabe de um gavião, lendário mas possível. Sol e sombra. Como custa a passar um quarto de hora para uma noiva que espera um noivo no mais alto beiral. Como a brisa é triste. Como se humilha em revolta a noiva branca.

Ah, arrulhou de repente a pomba quando distinguiu, indignada, o pombo que chegava, caminhando pelo beiral mais alto, do outro lado, lá longe, um pouco além, gritavam esganadas as gaivotas do mar perto do mercado. Irônica, perguntou a pomba:

– Perdeste a noção do tempo?

– Perdão, por Deus, perdão – respondeu o pombo: – Tardo, mas ardo. Olha que tarde! ...

– Que tarde? – perguntou a pomba.

– Que tarde! Que azul! Que tarde azul!

– Mas e eu?! – disse a pomba. – Sozinha aqui em cima!

– A tarde era tão bonita – disse o pombo gravemente – a tarde era tão bonita, que era um crime voar, vir voando.

– Mas e eu?! Eu!? – queixava-se a pomba.

– A tarde era tão bonita – explicou o pombo com doce paciência – que eu vim andando, que eu tinha de vir andando, meu amor.

(Paulo Mendes Campos)

A Velha Contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega - tudo malandro velho - começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

- Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

- É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia! - insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

- O senhor promete que não "espáia"? - quis saber a velhinha.

- Juro - respondeu o fiscal.

- É lambreta.

(Stanislaw Ponte Preta)

O Homem Nu

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsiorada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido. Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela.

Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão.

Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

Fernando Sabino

Conversinha Mineira

— É bom mesmo o cafezinho daqui, meu amigo?
— Sei dizer não senhor: não tomo café.
— Você é dono do café, não sabe dizer?
— Ninguém tem reclamado dele não senhor.
—Então me dá café com leite, pão e manteiga.
— Café com leite só se for sem leite.
— Não tem leite?
— Hoje, não senhor.
— Por que hoje não?
— Porque hoje o leiteiro não veio.
— Ontem ele veio?
— Ontem não.
— Quando é que ele vem?
— Tem dia certo não senhor. Às vezes vem, às vezes não vem. Só que no dia que devia vir em geral não vem.
— Mas ali fora está escrito "Leiteria"!
— Ah, isso está, sim senhor.
— Quando é que tem leite?
— Quando o leiteiro vem.
— Tem ali um sujeito comendo coalhada. É feita de quê?
— O quê: coalhada? Então o senhor não sabe de que é feita a coalhada?
— Está bem, você ganhou. Me traz um café com leite sem leite. Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na sua cidade?
— Sei dizer não senhor: eu não sou daqui.
— E há quanto tempo o senhor mora aqui?
— Vai para uns quinze anos. Isto é, não posso agarantir com certeza: um pouco mais, um pouco menos.
— Já dava para saber como vai indo a situação, não acha?
— Ah, o senhor fala da situação? Dizem que vai bem.
— Para que Partido?
— Para todos os Partidos, parece.
— Eu gostaria de saber quem é que vai ganhar a eleição aqui.
— Eu também gostaria. Uns falam que é um, outros falam que outro. Nessa mexida...
— E o Prefeito?
— Que é que tem o Prefeito?
— Que tal o Prefeito daqui?
— O Prefeito? É tal e qual eles falam dele.
— Que é que falam dele?
— Dele? Uai, esse trem todo que falam de tudo quanto é Prefeito.
— Você, certamente, já tem candidato.
— Quem, eu? Estou esperando as plataformas.
— Mas tem ali o retrato de um candidato dependurado na parede, que história é essa?
— Aonde, ali? Uê, gente: penduraram isso aí...

(Fernando Sabino)

O Meu Pé de Laranja Lima

Ninguém tinha levado uma flor sequer para minha professora D. Cecília Paim. Devia ser porque ela era feia. Se ela não tivesse uma pintinha no olho, não era tão feia. Mas era a única que dava um tostão pra mim para comprar sonho recheado no doceiro de vez em quando, quando chegava o recreio.

Comecei a reparar nas outras aulas e todos os copos sobre a mesa tinham flores. Só o copo da minha continuava vazio.

Uma manhã apareci com uma flor para minha professora. Ela ficou muito emocionada e disse que eu era um cavalheiro.

E todos os dias fui tomando gosto pelas aulas e me aplicando cada vez mais. Nunca viera uma queixa contra mim de lá.

A escola. A flor. A flor. A escola...

Tudo ia muito bem quando Godofredo entrou na minha aula. Pediu licença e foi falar com D. Cecília Paim. Só sei que ele apontou a flor no copo. Depois saiu. Ela olhou para mim com tristeza. Quando terminou a aula, me chamou.

- Quero falar uma coisa com você, Zezé. Espere um pouco.

Ficou arrumando a bolsa que não acabava mais. Se via que não estava com vontade nenhuma de me falar e procurava coragem entre as coisas. Afinal se decidiu.

- Godofredo me contou uma coisa muito feia de você, Zezé. É verdade?

Balancei a cabeça, afirmativamente.

- Da flor? É, sim senhora.
- Como é que você faz?
- Levanto mais cedo e passo no jardim da casa do Serginho. Quando o portão está só encostado, eu entro depressa e roubo uma flor. Mas lá tem tanta que nem faz falta.
- Sim, mas isso não é direito. Você não deve fazer mais isso. Isso não é um roubo, mas já é um "furtinho".
- Não é não, D. Cecília. O mundo não é de Deus? Tudo que tem no mundo não é de Deus? Então as flores são de Deus também...

Ela ficou espantada com a minha lógica.

- Só assim que eu podia, professora. Lá em casa não tem jardim. Flor custa dinheiro... E eu não queria que a mesa da senhora ficasse sempre de copo vazio.

Ela engoliu em seco.

- De vez em quando a senhora não me dá dinheiro para comprar um sonho recheado, não dá?
- Poderia lhe dar todos os dias. Mas você some...
- Eu não podia aceitar todos os dias...
- Por quê?
- Porque tem outros meninos pobres que também não trazem merenda.

Ela tirou o lenço da bolsa e passou disfarçadamente nos olhos.

- A senhora não vê a Corujinha?
- Quem é a Corujinha?
- Aquela pretinha do meu tamanho que a mãe enrola o cabelo dela em coquinhos e amarra com cordão.
- Sei. A Dorotília.
- É, sim, senhora. A Dorotília é mais pobre do que eu. E as outras meninas não gostam de brincar com ela porque é pretinha e pobre de mais. Então ela fica no canto sempre. Eu divido o sonho que a senhora me dá, com ela.

Dessa vez ela ficou com o lenço parado no nariz muito tempo.

- A senhora de vez em quando, em vez de dar para mim, podia dar para ela. A mãe dela lava roupa e tem onze filhos. Todos pequenos ainda. Dindinha, minha avó, todo sábado dá um pouco de feijão e de arroz para ajudar eles. E eu divido o meu sonho porque Mamãe ensinou que a gente deve dividir a pobreza da gente com quem é ainda mais pobre.

As lágrimas estavam descendo.

- Eu não queria fazer a senhora chorar. Eu prometo que não roubo mais flores e vou ser cada vez mais um aluno aplicado.
- Não é isso, Zezé. Venha cá.

Pegou as minhas mãos entre as dela.

- Você vai prometer uma coisa, porque você tem um coração maravilhoso, Zezé.
- Eu prometo, mas não quero enganar a senhora. Eu não tenho um coração maravilhoso. A senhora diz isso porque não me conhece em casa.
- Não tem importância. Pra mim você tem. De agora em diante não quero que você me traga mais flores. Só se você ganhar alguma. Você promete?
- Prometo, sim senhora. E o copo? Vai ficar sempre vazio?
- Nunca esse copo vai ficar vazio. Quando eu olhar para ele vou sempre enxergar a flor mais linda do mundo. E vou pensar: quem me deu esta flor foi o meu melhor aluno. Está bem?

Agora ela ria. Soltou minhas mãos e falou com doçura.

- Agora pode ir...

José Mauro de Vasconcellos

APRENDA A CHAMAR A POLÍCIA

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente.

Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço.

Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa.

Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma:

— Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro de escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia.

No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse:

— Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.

Eu respondi:

— Pensei que tivesse dito que não havia ninguém disponível.

Luís Fernando Veríssimo

O Melhor Amigo

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha em direção de seu quarto.

– Meu filho? – gritou ela.

– O que é – respondeu, com o ar mais natural que lhe foi possível.

– Que é que você está carregando aí?

Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido tentou ainda ganhar tempo.

– Eu? Nada…

– Está sim. Você entrou carregando uma coisa.

Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar – o jeito era procurar comovê-la Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:

– Olha aí, mamãe: é um filhote…

Seus olhos súplices aguardavam a decisão.

– Um filhote? Onde é que você arranjou isso?

– Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?

Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de isso. Insistiu ainda:

– Deve estar com fome, olha só a carinha que ele faz.

– Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!

– Ah, mamãe… – já compondo uma cara de choro.

– Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.

O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima. Voltou para o quarto, emburrado:

A gente também não tem nenhum direito nesta casa – pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado desta maneira!

– Que diabo também, nesta casa tudo é proibido! – gritou, lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.

– Dez minutos – repetiu ela, com firmeza.

– Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.

– Você não é todo mundo.

– Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.

– Veremos – limitou-se a mãe, de novo distraída com a sua costura.

– A senhora é ruim mesmo, não tem coração!

– Sua alma, sua palma.

Conhecia bem a mãe, sabia que não haveria apelo: tinha dez minutos para brincar com seu novo amigo, e depois… ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:

– Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.

– Ah, mamãe, deixa! – choramingou ainda: – Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nesta vida.

– E eu? Que bobagem é essa, você não tem sua mãe?

– Mãe e cachorro não é a mesma coisa.

– Deixa de conversa: obedece sua mãe.

Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa.

– Pronto, mamãe!

E exibia-lhe uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.

– Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza que ele dava murmurou, pensativo

Fernando Sabino

A morte da tartaruga

O menininho foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força. A mãe a princípio ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. "Cuidado, senão você acorda seu pai". Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar lhe o casco duro.

A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação. Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava.

O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse: — "Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que fazer. Já lhe prometi tudo mas ele continua berrando desse jeito". O pai examinou a situação e propôs: — "Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e vem cá com o pai.".

O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse: — "Eu sei que você sente muito a morte da tartaruguinha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral". (Empregou de propósito uma palavra difícil). O menininho parou imediatamente de chorar. "Que é funeral?" O pai lhe explicou que era um enterro. "Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastante balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário.

Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o "Happy-Birth-DayTo-You" pra tartaruguinha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruguinha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e o dia em que ela morreu. Isso é que é funeral! Vamos fazer isso?" O garotinho estava com outra cara. "Vamos, papai, vamos! A tartaruguinha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela". Saiu correndo.

Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal. "Papai, papai, vem cá, ela está viva!"

O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruguinha estava andando de novo, normalmente. "Que bom, hein?" — disse — "Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!" "Vamos sim, papai" — disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande — "Eu mato ela".

MORAL: O importante não é a morte, é o que ela nos tira.

Millôr Fernandes

Referências:

ABDALLA, M. de F. B. A pesquisa-ação como instrumento de análise e avaliação da prática docente. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.13, n. 48, p. 383-400, jul./set. 2005.

ALVES, Ataulfo. **Meus tempos de criança** [1956]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WhPDqMwbpso. Acesso em: 06 maio 2019.

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação.** Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

BECK, Alexandre. **Tiras Armandinho**, 10 nov. 2015. Disponível em: https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/132940186204. Acesso em: 05 de maio de 2019.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula:** leitura & produção**.** 7. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

GERALDI, J. W. O ensino de Língua Portuguesa e a base nacional comum curricular. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-6, jul.-dez. 2015.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender:** os sentidos do texto**.** 3. ed., 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2010a.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010b.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola:** o real o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LISPECTOR, C. Banhos de mar. *In*: LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 249-51.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PINTO, M. P. O gênero relato e suas características. **Portal do Professor**, 22 abr. 2014. Disponível em: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=55292. Acesso em: 30 maio 2019.

SABINO, F. O homem nu. *In*: SABINO, F. **O homem nu**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960. p. 65.

SCHNEUWLY, B. DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SCLIAR, M. A cobrança. *In*: SCLIAR, M. **O imaginário cotidiano**. São Paulo: Global, 2001.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. Ed. São Paulo: Cortez; 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZABALA, A. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegra: Artmed, 1998.